

## **XXI Concurso Regional de Contos, Crônicas e Poesias Oscar Bertholdo**

**Título da obra:** A origem do Mal

**Pseudônimo do autor:** Santiago Zucchini

**Modalidade:** conto

**Categoria:** 03

No princípio só havia o Caos. Mas do Caos nasceu a Ordem por acidente, e a Ordem se chamou Sutama, a Mãe Criadora. Sutama padecia dores terríveis, porque era cruelmente fustigada pelo Caos. Então, concebeu Dímon, o Tempo, e Dalas, o Espaço, valentes escudeiros que a protegeriam até o fim dos dias. Mas Sutama ainda era triste, pois seus filhos estavam ocupados na eterna contenção do Caos, e por isso tinha que viver isolada no escuro.

Assim, a Mãe de Todos criou Vatará, a Terra, para acompanhá-la e amá-la por toda a sua existência. Ao contrário de Sutama, porém, a pobre Terra não foi capaz de gerar prole sozinha, e o vazio em seu peito deu origem ao reino frio e silencioso do Submundo. Os suspiros que soltou foram a matéria fluida que configurou as nuvens. Quando não pôde mais suportar a tristeza, rompeu-se em lágrimas, e destas vieram os rios e mares que abundam em seu corpo.

Sutama, tão logo viu o pranto da filha, tratou de auxiliá-la. Concebeu Fédrón, o Espírito da Vida, e o encarregou de fecundá-la com sua semente e animar os rebentos com seu sopro vital.

A feliz união entre Fédrón e Vatará engendrou todas as entidades da Terceira Geração. Primeiro, vieram o Sol, a Lua e as estrelas, a fim de iluminar e embelezar o cosmos. Seguiu-se a multidão dos seres que povoariam o mundo: relva, arbustos, árvores; peixes, aves, quadrúpedes; gnomos, dragões, gigantes. Depois, o casal gerou o panteão dos deuses guardiões e incumbiu cada um deles de zelar por um aspecto diferente da natureza ou do espírito. Tais divindades construíram uma cidade dourada em meio às nuvens, onde passariam a festejar a maravilha da criação.

Por último, Vatará pariu a raça humana. Sua função seria cultuar os deuses e, a partir da sua essência racional e dos ensinamentos divinos, transformar os recursos naturais em coisas úteis e belas.

Aos poucos, a humanidade erigiu sua civilização sob a graça dos deuses. Eles lhe ensinaram a arte do fogo, pelo que passou a suportar melhor os invernos e a cozinhar seus alimentos. Também lhe mostraram como cultivar plantas e criar animais para seu sustento, o que possibilitou sua sedentarização nas margens dos rios. O excedente da produção agrícola permitiu o surgimento de outras profissões e, junto com elas, uma multiplicidade de técnicas e ferramentas. Destacaram-se os primeiros sábios, os quais inventaram a escrita e as ciências primitivas. Aldeias cada vez mais complexas foram constituídas. Gradualmente

## **XXI Concurso Regional de Contos, Crônicas e Poesias Oscar Bertholdo**

**Título da obra:** A origem do Mal

**Pseudônimo do autor:** Santiago Zucchini

**Modalidade:** conto

**Categoria:** 03

transformaram-se em cidades. Estradas, casas de madeira, fazendas, pontes, moinhos e muitas outras obras advieram das prodigiosas mãos humanas. Tudo estava funcionando na mais perfeita ordem, tal qual desejavam os deuses.

Pondoreu, guardião da Beleza, observava a obra universal com emoção do alto de seu trono na Cidade Celeste. Estimava particularmente a última criatura. Não voava, não era forte, não tinha garras e nem sentidos apurados, mas sabia se comunicar e trabalhar em conjunto como nenhuma outra. Contudo, o que mais surpreendeu o deus foi a flexibilidade do gênero humano. Enquanto os outros animais viviam aprisionados no próprio instinto, ele era capaz de moldar a própria identidade.

Tamanho foi o encantamento de Pondoreu pela humanidade que logo um temor assolou seu coração. Sendo ela agraciada com o dom do livre-arbítrio, como garantir que viveria sempre em harmonia com os deuses e consigo mesma? Não poderia ela se corromper mediante uma simples volição do espírito?

A dúvida persistiu com o passar dos dias, e o guardião sentiu que não sossegaria enquanto não a resolvesse. Assim, decidiu subir até o topo da Torre da Luz para consultar Ítris, a deusa da Sabedoria.

- Atenderei à tua súplica, querido irmão. Porém, que fique claro: a contemplação do futuro poderá perturbar-te - alertou a anciã com seriedade.

Como não viu nenhuma hesitação em seu semblante, agarrou a cabeça de Pondoreu e o forçou a encarar seus olhos. Na profundidade desse olhar, o deus viu centenas de milhares de possibilidades. Em algumas, o ser humano convivia pacificamente com seus semelhantes e reverenciava os deuses. Não havia conflito, pois todos respeitavam seu lugar no cosmos e agiam em prol do interesse comum. Em outras, predominava a desordem e a heresia. Guerras despontavam entre os povos por motivos banais. Furtos, estupros e assassinatos faziam parte da rotina de muitas famílias. Alguns indivíduos desfrutavam de inúmeras regalias enquanto outros passavam fome.

Terminada a sessão, Pondoreu, ainda atordoado, perguntou a Ítris com impaciência o que ele poderia fazer para assegurar um bom futuro à humanidade. A anciã disse tranquilamente que enquanto todos os guardiões continuassem iluminando seu caminho, o homem nunca tenderia para as trevas. Após ouvir tais palavras, o deus voltou aliviado para os seus aposentos, pois tinha total confiança na competência e boa vontade dos seus irmãos.

## **XXI Concurso Regional de Contos, Crônicas e Poesias Oscar Bertholdo**

**Título da obra:** A origem do Mal

**Pseudônimo do autor:** Santiago Zucchini

**Modalidade:** conto

**Categoria:** 03

Os anos que seguiram deixaram claro que, de fato, os humanos rumavam para a plenitude. Sua natureza cooperativa permitia a realização de obras cada vez mais impressionantes, que, por sua vez, fortaleciam a própria vontade de cooperar.

A velha preocupação de Pondoreu foi extirpada diante da paz que reinava sobre a terra. Porém, uma sensação estranha, indescritível passou a incomodá-lo com o tempo. Curiosamente, ela aumentava na mesma proporção em que as civilizações evoluíam.

Certa noite, Pondoreu sonhou com suas visões na Torre da Luz. Não estavam tão nítidas, mas alguns traços delas se revelaram com maior intensidade. Os cenários trágicos continuavam com suas tragédias. No entanto, as pessoas eram mais sensíveis ao prazer e às conquistas, uma vez que não ocorriam sempre. Não faltavam medos, desafios, objetivos e esperanças, pois não havia soluções definitivas para os problemas, e as próprias tentativas de solucioná-los geravam outros problemas. Os indivíduos mais corajosos doavam-se em favor de suas causas e tornavam-se heróis. De quebra, os melhores prosadores, poetas, dramaturgos e artistas em geral produziam obras belíssimas com seu talento de transformar o sofrimento em arte.

Já nos cenários mais utópicos, pessoas iguais se dirigiam calma e mecanicamente para suas atividades rotineiras, sem nenhuma expressão facial. Qualquer problema que surgisse era corrigido com máxima eficiência, e tudo retornava de imediato a uma ordem silenciosa. Não havia nenhum sacrifício. Os cidadãos trabalhavam pouco, porque a organização social aproveitava e harmonizava todos os esforços despendidos. Ninguém passava a menor necessidade, nem sequer vontade. A história tinha acabado, assim como a literatura, e a arte que ainda havia era tão pobre quanto pode chegar a ser.

Pondoreu acordou exaltado no meio da noite. Decidiu com toda a convicção: não permitiria que nenhum povo vivesse uma utopia. Movido por essa certeza, andou sorrateiramente até a jaula do seu dragão, mantendo-se fora da luz vigilante da lua cheia. Montou na fera, alçou voo e partiu indefinidamente em direção ao horizonte.

O guardião sobrevoou florestas, cidades, rios e montanhas. Viu sete vezes o sol poente até chegar aos confins do universo. Por lá, encontrou os colossais Dímon e Dalas segurando as correntes do Portão do Firmamento a fim de impedir a entrada do Caos.

- Que fazes aqui, filho de Vatará? Por que razão vieste atrapalhar nosso trabalho sagrado? - perguntou Dalas com sua voz de trovão.

## **XXI Concurso Regional de Contos, Crônicas e Poesias Oscar Bertholdo**

**Título da obra:** A origem do Mal

**Pseudônimo do autor:** Santiago Zucchini

**Modalidade:** conto

**Categoria:** 03

Pondoreu não respondeu a pergunta. Porém, ao notar o temperamento arrogante dos poderosos guardas, teve uma ideia.

- Não abre tua boca imunda para falar comigo, filho de Sutama. Tu e teu irmão são de longe as piores e mais imprestáveis criações da Grande Mãe.

Foi o bastante. Num acesso de raiva, os gigantes tentaram agarrar o deus com uma das mãos, mas ele escapou rapidamente e fugiu sobre seu dragão. O movimento os obrigou a afrouxar as correntes por alguns segundos, e uma longa fresta vertical se abriu no meio do portão duplo, através da qual irrompeu uma golfada de Caos.

O fluido etéreo se ramificou e vagou como uma névoa pestilenta nas entranhas da Terra, onde nenhuma entidade conseguiu controlá-lo. Envenenou o solo, a água e o ar que se respirava. Disseminou pragas, intempéries, epidemias. Logo contaminou também as almas, pois poucas foram capazes resistir à sua força maligna. Ao dominá-las, atizou guerras e revoltas. Guiou a flecha do arqueiro e afiou a faca do assassino.

Pondoreu pôde notar as consequências nefastas de seu ato no voo de volta para a Cidade Celeste. De um lado, via ataques, incêndios, destruição e outras terríveis atrocidades por parte do ser humano. De outro, via toda sorte de castigos da natureza, desde secas impiedosas até doenças incuráveis. Empalideceu ao se dar conta de que ele era o único responsável por semear o Mal no mundo. Porém, não se arrependeu nem por um instante.

Vendo-se novamente na morada divina, perguntaram-lhe por onde andava e se estava inteirado sobre a desgraça que vinha acometendo a Terra. Pondoreu em nada faltou com a verdade. Explicou-lhes o que estivera fazendo nos últimos dias com todos os detalhes. Segundo ele, havia apenas cumprido sua missão, de modo que sua consciência estava limpa.

Os guardiões ficaram horrorizados perante a confissão do traidor. Como castigo, foi imobilizado e submetido à fúria do panteão. Sentiu na carne as pedras, as pancadas e os açoites de cada um dos deuses. Em seguida, já moribundo, foi acorrentado na parte mais fria, escura e isolada do Submundo, onde o condenaram a permanecer até o fim dos tempos.

Dizem que, ainda hoje, Pondoreu canta a solidão do abismo e inspira os poetas que expressam a dor na forma de verso.

Essa é a história da criação do mundo e de como o Mal se instalou na natureza e nos corações dos homens. Quem estiver disposto, que perdoe seu causador.